

# A GLOBALIZAÇÃO E SEUS EFEITOS NA SOCIEDADE

Erick José dos Santos<sup>1</sup>, Hugo Santana Casteletto<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Acadêmico orientando do curso de Licenciatura em Geografia pela Unicesumar- Maringá, vinculado a Coordenação dos cursos de História e Geografia da mesma universidade, sendo bolsista PIC-Unicesumar/ICETI- 2018. erick.proff@gmail.com

<sup>2</sup> Professor orientador do curso de Licenciatura em Geografia pela Unicesumar - Maringá, vinculado a Coordenação dos cursos de História e Geografia da mesma universidade. hugo.castelett@unicesumar.com.br

## RESUMO

A globalização ocasionou muitas mudanças, as culturas misturaram-se, as predominantes sobrepuseram-se perante as desfavorecidas. Isso não aconteceu somente no campo da cultura, mas também nos sociais, econômicos e políticos. Faz-se fundamental entender como a globalização pode interferir na escala local, mais especificamente no município de Arapiraca - AL, mostrando como esse fenômeno possibilitou avanços e retrocessos para a região. Para isso, objetiva-se especificamente analisar a Taxa de Desemprego do Brasil e de Arapiraca – AL, a fim de fazermos análises que possam nos mensurar a proposta do objetivo geral. Para isso, foi realizada uma pesquisa sistemática de indicadores referentes, principalmente sobre a economia e desemprego no Brasil e em Arapiraca – AL, visando observar que motivos levaram a queda da economia e aumento do desemprego no período que se estende de 2008 (início da crise econômica mundial) a 2017. Percebeu-se o desemprego entre 2008 e 2013 indicou uma queda, a partir de 2014 houve grande aumento, apesar de que a economia mundial entrou em colapso em 2008/2009, tal aumento do indicador explica-se pela troca da metodologia oficial de cálculo. Dados mostram que o município arapiraquense seguiu a tendência brasileira de desempenho econômico, mergulhando na crise econômica. Os resultados mostram que apesar de caminhar na contramão da crise em um primeiro momento, após a troca da metodologia os números da cidade entraram em colapso constante perdurando até atualmente, resultando na conclusão de que a globalização possibilitou como um dos principais malefícios o alto número de desempregados na segunda maior cidade do estado alagoano.

**PALAVRAS-CHAVE:** Crise Econômica; Desemprego; Geografia Econômica.

## 1 INTRODUÇÃO

A globalização é um fenômeno oriundo pós terceira revolução industrial, período esse marcado pela evolução tecnológica, conhecida por possibilitar um aumento considerável na tecnologia disponível para produção e certamente incentivada pelo sistema capitalista, que nas palavras de Jorge Luiz (2017) “[...] sustentava-se no desejo de uma maior abertura das economias, mas os resultados esbarraram nas assimetrias entre os Estados e em um modelo voltado para as políticas industriais nacionais” (JORGE LUIZ, 2017 p. 8).

Isso possibilitou inúmeras transformações na sociedade, e demonstrar tais mudanças sociais através da globalização tornou-se necessária e importante. É importante frisar também que a sociedade está em constante transformação, e atualmente vemos certo declínio econômico, cultural e social de boa parte dos Estados-Nação que compõe a estrutura política planetária. Tais fatores tem relação direta com a globalização, portanto, se faz necessário uma preocupação com o futuro da sociedade global. Segundo Hindenburgo Francisco (2017):

É preciso resistir e desenvolver uma globalização solidária e não subordinada, que promova um conjunto de políticas públicas alternativas que possibilitem a formação de uma sociedade com menos desigualdades na distribuição de renda (HINDENBURGO FRANCISCO, 2017 p. 3)

Com tantas mudanças e incertezas trazidas pela globalização, sistema esse no qual é estritamente capitalista causa uma dependência do menor país (economicamente falando) para com o maior, possibilitando o agravamento da crise, muito bem exemplificado pelo caso brasileiro a partir da conhecida “Crise Econômica Mundial de 2008”. Segundo Luís Alberto e Elzira Lucia (2017):

A diminuição da participação da América do Sul como destino preferencial das operações internacionais de multinacionais brasileiras pode revelar o desenvolvimento internacional dessas empresas, bem como a apropriação de novas vantagens de propriedade ou fatores locais mais atrativos em outras regiões do planeta. (L. ALBERTO; E. LUCIA, 2017 p.13)

A partir da Globalização e da disputa mundial por mercado, empresas de grande porte, tem criado e acabado com empregos em diversos territórios mundiais, à medida que lucram e deixam de lucrar. Vide casos de países subdesenvolvidos como Vietnã, Camboja, Indonésia, Malásia, dentre muitos outros países do sudeste asiático, que tem recebido empresas estrangeiras (devido a fatores “locais”, como mão de obra barata), gerando subemprego. Na menor situação de crise, essas empresas fecham suas filiais, gerando desemprego em países que já passam por miséria. E isso não é diferente com o Brasil.

A globalização tem como fator preponderante catalisar a proporção das escalas, integrando a nível mundial as mais diversas relações financeiras e econômicas. Por ser um fenômeno que abrange uma série de mudanças ele é entendido através de diversos pontos de vistas, alguns mais críticos, outros menos. Para Stiglitz (2002):

A globalização, que pode ser uma força propulsora de desenvolvimento e da redução das desigualdades internacionais, está sendo corrompida por um comportamento hipócrita que não contribui para a construção de uma ordem econômica mais justa nem para um mundo com menos conflitos. (STIGLITZ, J. 2002, p. 01)

Um sistema que catalisa a exclusão e desigualdade social além de maldoso, contribui para a competição exagerada, violência e criminalidade. Para Milton Santos (2001) “A globalização mata a noção de solidariedade, devolve o homem à condição primitiva do cada um por si e, [...] reduz as noções de moralidade pública e particular a um quase nada”. (SANTOS, 2001, p. 32). Diante disso, conscientizar as pessoas é fundamental, em prol de desenvolvermos uma sociedade na qual contribua para o desenvolvimento das classes menos abastadas da sociedade mundial, nacional, regional e principalmente local.

É com esse objetivo que o presente trabalho busca demonstrar como a Globalização pode ou não interferir em questões mais locais de países subdesenvolvidos. Para isso, foi feita uma análise temporal da Crise Econômica de 2008 e seus reflexos no Brasil. A partir daí foram feitas comparações com dados relacionados a desemprego no Brasil em comparação as cidades de Arapiraca no interior do estado de Alagoas.

Para isso foram coletados dados da Pesquisa Mensal de Emprego (PME) e da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD) divulgadas pelo IBGE entre os anos de 2008 a 2017. Ao mesmo tempo, para averiguar os efeitos locais dessa crise, foram realizadas pesquisas em periódicos locais da cidade de Arapiraca no estado de Alagoas. Com os dados em mão foi possível através de uma pesquisa bibliográfica criar certos padrões que foram descritos no percurso da pesquisa.

## **2 DESENVOLVIMENTO**

A globalização é um fenômeno que ganha força a partir da década de 80, pós Terceira Revolução Industrial, apesar de já ser percebida centenas de anos antes. O consultor legislativo João Ricardo (2000) frisa bem como termo se tornou amplo nos últimos anos ressaltando que:

O termo globalização tem sido usado para representar vários fenômenos, como o crescimento do comércio e dos negócios transnacionais, a interdependência entre os fluxos de capitais e as parcerias (*joint-ventures*) internacionais (RICARDO, 2000, p. 4)

Quando analisarmos a fundo, vemos que a globalização veio se construindo desde muito tempo, mas o que dá base para essa globalização que temos hoje foram as relações sociais, desde a formação da família, partido para a formação das tribos, das tribos foram formando as cidades, das cidades foram formando as nações e assim sucessivamente, realizando trocas e desenvolvendo-se. A globalização é um termo bastante interessante quando entendemos que esse fenômeno busca unir e misturar os gostos, hábitos e dentre outros aspectos.

Com a informação não foi diferente, hoje podemos ter um intercâmbio com outros países instantaneamente. Uma notícia do outro lado do mundo chega a questões de segundos, e quando comparado com antes, uma notícia do continente asiático, por exemplo, demoraria grandes períodos para chegar às Américas, denotando uma evolução do sistema capitalista e conseqüentemente uma nova realidade. Contudo, nem todos conseguem fazer uso dessa velocidade, o que gera aumento da desigualdade mundial. Milton Santos (2001) reflete essa questão falando que:

A velocidade não é um bem que permita uma distribuição generalizada, e as disparidades no seu uso garantem a exacerbação das desigualdades. A vida cotidiana também revela a impossibilidade de fruição das vantagens do chamado tempo real para a maioria da humanidade. (SANTOS, 2001, p. 58)

Todo esse ganho de escala faz-nos pensar se todos também terão acesso à interação do planeta, tendo em vista que a globalização reduziu as distâncias, mas ampliou as desigualdades. Podemos observar, também, a influência que esse acontecimento trás para a sociedade, estando presente nos bens de consumo de uma forma geral, causando aumento na produção e consumo de produtos.

Podemos entender a globalização como o fenômeno que possibilitou a integração mundial em todos os aspectos, favorecidos pela evolução do sistema capitalista que gerou aumento considerável no número de fluxos de pessoas e pensamentos. Porém, é importante ressaltar que essa mesma globalização causou grandes impactos com relação ao aumento da desigualdade.

Quando pensamos nos malefícios da Globalização, precisamos entender que as conseqüências vão além do processo em si, e tem muita relação com questões capitalistas, visto que a globalização e o capitalismo estão ligados. Um dos principais malefícios desse sistema é a maneira desigual pelo qual as riquezas são distribuídas, possibilitando, dessa forma um benefício bem maior nos locais onde temos um sistema econômico mais desenvolvido. Castells (2010) entende como:

A habilidade ou inabilidade de as sociedades dominarem a tecnologia e, em especial, aquelas tecnologias que são estrategicamente decisivas em cada período histórico, traça seu destino a ponto de podermos dizer que, embora não determine a evolução histórica e a transformação social, a tecnologia (ou sua falta) incorpora a capacidade de transformação das sociedades, bem como os usos que as sociedades, sempre em um processo conflituoso, decidem dar ao seu potencial tecnológico (CASTELLS, 2010, p. 44).

Enquanto isso o desenvolvimento dos países subdesenvolvidos vem de forma “tardia” e não necessariamente completa, gerando com isso uma dependência econômica dos grandes sistemas capitalistas, principalmente no que Castells considera como estratégico: a tecnologia. Em suma: a diferença de acesso à tecnologia, vai gerar grande disparidade econômica e social entre os indivíduos que compõe determinados grupos sociais.

Temos também outra forma de desigualdade, não economicamente falando, mas uma desigualdade na intensidade dos fluxos e no direcionamento das informações. As regiões nas quais são pertencentes de países desenvolvidos conseguem expandir com

maior facilidade seus valores, costumes e informações, o que difere das regiões onde fazem partes de países de terceiro mundo. A cultura Inglesa, por exemplo, é bem mais propagada que a Africana. Podemos entender essa dinâmica por uma simples questão: a segunda não consegue repassá-las pelos meios de crescimento da globalização, diferente da primeira que consegue.

No que diz respeito ao campo econômico, entendemos também a relação da desigualdade com a globalização. Tal fenômeno dificulta a vida do produtor local, e beneficia as grandes empresas multinacionais. Com isso fica difícil competir, e as grandes corporações que acabam controlando grande parte do mercado mundial, apesar de sabermos que há muitos outros fatores por trás de tudo isso. A descentralização das fábricas em direção aos países subdesenvolvidos, e, apoiadas pelas facilidades da globalização, ocasiona na exploração de matérias-primas e mão de obra barata, reduzindo os salários e aumentando a exploração ao trabalhador, desregulando os progressos em leis trabalhistas.

## 2.1 GLOBALIZAÇÃO E DESEMPREGO

Podemos entender o desemprego gerado pela globalização a partir da evolução da técnica. Nesse ponto de vista, notamos que desde a Primeira Revolução Industrial, com a manufatura se tornando uma tarefa fundamental para o desenvolvimento da tarefa estabelecida pela empresa, houve um aumento das pesquisas em tecnologia, culminando na criação das máquinas que passaram a substituir o trabalho humano, com uma eficiência bem maior.

As fábricas estão substituindo operários por robôs, os bancos estão substituindo funcionários por caixas eletrônicos. Como possuem máquinas para fazer o trabalho básico, as pessoas com menos conhecimento técnico foram trocadas por máquinas, ocasionando assim o desemprego tecnológico ou estrutural. Para Santos (2001):

O desemprego crescente torna-se crônico. A pobreza aumenta e as classes médias perdem em qualidade de vida. O salário médio tende a baixar. A fome e o desabrigo se generalizam em todos os continentes. Novas enfermidades como a SIDA se instalam e velhas doenças, supostamente extirpadas, fazem seu retorno triunfal. (SANTOS, 2001, p 31)

É válido frisar que, existe também a criação de novos pontos de trabalho, mas obviamente demanda de uma qualificação profissional, logo, o desemprego continua nas camadas mais pobres da sociedade. Num outro ponto de vista, vemos esse desemprego também no setor comercial, as grandes empresas multinacionais acabam com as empresas locais. Prova disso é o aumento constante de shoppings e a redução do comércio nas ruas da cidade.

A globalização é um fenômeno extremamente excludente onde os países com mercados mais desenvolvidos têm maior relevância que os menos desenvolvidos, causando dessa forma uma dependência. Ricardo (2000) faz um belo destaque acerca do assunto:

Tal realidade tornou-se, de certa forma, assustadora para alguns analistas, que acusam os mercados financeiros de serem insensíveis aos fundamentos econômicos e indiferentes a qualquer preocupação social, apesar de terem o poder de influenciar o nível de emprego e diferentes tipos de políticas sociais. Pior ainda, esta influência não seria exercida por governos democraticamente eleitos, mas apenas determinada por especuladores egoístas e irracionais, interessados puramente na realização de gigantescos lucros. Estes receios têm gerado demandas por soluções que permitam aos governos eliminar o excessivo poder dos mercados financeiros. (RICARDO, J. 2000, p. 07 e 08).



Os mercados mais estruturados buscam o lucro a todo custo, e quando os números vão evidenciando problemas na economia, uma das principais alternativas é demissão do quadro de funcionários, possibilitando com isso a exploração dos trabalhadores, esses que precisam dessa fonte de renda para sua subsistência. Infelizmente tais pessoas se submetem a essa exploração devido ao medo de não conseguir novos empregos, visto que o número de desempregados está crescendo demasiadamente nos últimos anos, principalmente após a Crise estadunidense, ocorrida no ano de 2008.

Mas para entender a crise estadunidense e suas consequências para o mundo, é importante compreender as causas. Os ataques sofridos as torres gêmeas, em solo americano, no onze de setembro têm relação com a crise, pois, depois do ataque terrorista, o governo americano entrou em duas guerras no território Asiático (Afeganistão e Iraque), e com isso, gastou muito dinheiro, mais do que eles tinham planejado.

É importante considerar, também, que enquanto os Estados Unidos aplicavam dinheiro na guerra, sua economia já estava em colapso, visto que na época vigente o país estava importando mais do que exportava. Enquanto sua economia estava em colapso, os americanos ao invés de conterem seus gastos em armas, optaram por receber ajuda de alguns países que economicamente estão bem, como à Inglaterra, do continente europeu, e a China, do continente Asiático.

Somado a tudo isso, havia uma grande bolha imobiliária, estimulado por uma política de empréstimo a juros baixos, que culminou no excesso de investimentos no mercado de ações desse ramo. Como consequência, houve uma grande supervalorização das ações do setor, e quando o governo americano teve que aumentar os juros (devido aos gastos militares) houve grande problema com o pagamento dessas dívidas com os bancos, que quebraram, levando a economia norte-americana a falência. Como tinha mais dinheiro em caixa, e esse estava sendo constantemente enviados ao exterior, os bancos começaram ver a guerra como “vantagem” e passaram a oferecer mais créditos, também, a clientes considerados inadimplentes e de risco. Com isso, ocorreu o principal fator da expansão da crise: a crise imobiliária.

Com as grandes ofertas, e com baixíssimas taxas de juros, os consumidores consumiram e compraram muito, imóveis principalmente, esses que começaram a valorizar cada vez mais, isso provocou uma elevação no preço, por causa da alta demanda. Mas esse progresso mostrou seus efeitos colaterais, chegou uma ocasião onde as taxas de juros cresceram cada vez mais, fazendo com que a procura pelos imóveis diminuísse consideravelmente, derrubando assim com os preços. Diante disso houve excesso de inadimplências visto que as pessoas já não viam lógica em continuar pagando as hipotecas absurdas enquanto os imóveis estavam valendo bem menos. Todos esses fatores contribuíram para a crise dos Estados Unidos, e consequentemente para o mundo, visto que os Americanos possuem grande influência no mercado global.

## 2.2 METODOLOGIA

Em virtude do grande acervo de números referente aos panoramas ano após ano foi utilizado o método quantitativo de análise para comparar a crise em período igual no Brasil e no município de Arapiraca, estado de Alagoas. No que se refere à linha de raciocínio, analisamos de forma indutiva as problemáticas existentes na globalização.

Para que isso fosse possível, era necessária a coleta de indicadores em campo: notícias de jornais renomados da região; coleta de dados na casa da cultura de Arapiraca (biblioteca municipal) em prol de encontrar principais notícia de cunho econômico da considerada ‘capital do agreste alagoano’; coleta de dados na prefeitura municipal de Arapiraca com o intuito de extrair informações acerca do desemprego após 2008. Contudo, problemas burocráticos e empecilhos relacionados a política municipal não permitiram que tivéssemos acesso em tempo hábil a informações municipais sobre desemprego. Nesse

caso, nos pautamos pelos recortes de jornais da região e jornais e fontes de comunicação renomadas nacionalmente, quando se tratando do município de Arapiraca.

Indicadores e dados sobre o desemprego no Brasil foi possível obter através do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). É importante ressaltar que a metodologia oficial de cálculo se dava pelo PME (Pesquisa Mensal de Emprego). Após 2012 o cálculo das pessoas desempregadas se deu pelo PNAD (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios) e os resultados mudaram de forma radical. O PME calculava os índices de desocupação apenas nas grandes metrópoles e capitais enquanto o PNAD calcula os índices também em diversas cidades do interior, possibilitando (tecnicamente) maior precisão no resultado. É importante salientar que o PME ainda calcula o desemprego, mas deixou de ser a metodologia de cálculo oficial há seis anos.

Portanto, em se tratando de dados coletados e metodologia, podemos dizer que o trabalho se resume a um comparativo da situação econômica do Brasil e de Arapiraca a partir de 2008, pautando-nos pela ideia de que existe uma interferência na crise mundial de 2008, com a queda da economia do Brasil, e consequentemente queda na economia arapiraquense. Quando trabalhamos com a economia brasileira, permeamos em falar sobre o desemprego, através de dados extraídos do IBGE. Quando trabalhamos com a economia arapiraquense, permeamos em falar sobre a economia num contexto geral, através de noticiários regionais importantes que circulavam naquele período.

A partir daí foi realizada uma análise conjuntural acerca dos dados obtidos, para compreendermos qual a relevância da crise de 2008 para a situação econômica atual de Arapiraca no estado de Alagoas.

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

No que se refere à temática de desenvolvimento mundial, logo pensamos em globalização, fenômeno que nos trouxe inúmeros avanços em larga escala para a sociedade. Mas será que foram somente avanços ou a globalização também promove retrocessos?

A globalização gerou a chamada “aldeia global”, onde o contato entre os mais diferentes Estados é instantâneo, fazendo de nós peças de uma “engrenagem mundial”, e para que essa engrenagem funcione, é necessário consumamos cada vez mais produtos e serviços.

Diante disso, a globalização faz uso do sistema econômico capitalista no intuito de acumular o capital, explorando cada vez mais os padrões de consumos e comportamentos das pessoas. Somos bombardeados de publicidade todos os dias, como se fôssemos peças de um sistema, e de fato, é isso que o capitalismo faz com a sociedade; enxerga tudo como um sistema lucrativo, onde as questões regionalistas perdem força, nas palavras de Santos (1998) et al:

Região, regionalismos, desigualdades – complexas organizações das diferentes formações sociais e territoriais. Temas que reaparecem com vigor neste “Sistema Mundo, nesta Sociedade Global”. Temas que fazem do território a sua moeda essencial. Século XX, crivado de novas territorialidades e que possibilita a exorcizarão de velhos mitos, como a cidade e o reaparecimento de velhos estigmas: a amplificação de antigas globalizações disseminadas sem a interveniência da técnica, globalizações perversas e eternas, como a fome e a guerra, transformando-as, especialmente com a técnica, em banalidades ou espetáculo da informação. (SANTOS, M; SOUZA, M. A. A; SILVEIRA, M. L. 1998, p. 24)

Para Oliveira (2009) essa é uma das consequências do capitalismo e da falta de atuação do Estado frente à Globalização e nas palavras de Benko (1996), uma exploração da força de trabalho resulta na cidade, espaços exclusivos do capital.

Sobre os resultados da pesquisa foi possível observar que durante os anos de 2008 e 2012 as Taxas de desemprego no Brasil estavam baixas, oscilando muito pouco, garantindo dessa forma, estabilidade e credibilidade para o país de maior PIB da América do Sul naquele momento. No ano de 2008, segundo o IBGE (2018), o desemprego fixou-se nos 7,9%, e no ano seguinte a taxa de desocupação subiu de forma discreta chegando à casa dos 8,1%, logo após esse aumento nos anos subsequentes às taxas foram diminuindo ano após ano, ficando com 7% no ano de 2010, 6% no ano de 2011 e ficando com apenas 5,5% de pessoas desempregadas no ano de 2012, ano esse que foi o último a ser usado a PME como forma de cálculo oficial. No tocante a Arapiraca, a chamada “cidade sorriso”, estava recebendo muitos investimentos da iniciativa privada, gerando empregos, renda e desenvolvimento da cidade, além de diversos empreendimentos, como por exemplo, o primeiro shopping da região Agrestina do estado de Alagoas, tornando-se uma cidade muito relevante no cenário nacional atuando na contramão da crise mundial. Comprova-se isso através de matérias jornalísticas do período em análise (Figura 1).



Figura 1 - Imagem do jornal local de Arapiraca demonstrando a dinâmica econômica do município naquele período.

Fonte: Xereta – 2008.

Porém, a partir de 2012 vemos que a situação não foi como parecia ser e Arapiraca passou de cidade modelo para cidade mergulhada na crise. Foi possível observar que a globalização foi um fenômeno importante e necessário, mas com inúmeras problemáticas que precisam ser sanadas. Segundo Leda Velloso (2017):

De fato, em consonância à teoria anunciada, destaca-se a criação de diversos Ministérios como o do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS), com políticas nacionais de desenvolvimento social, segurança alimentar e nutricional, assistência social e programas de transferência de renda. (L. VELLOSO, 2017 p.5-6)

Com isso, obter respostas frente ao lado negativo e quais as políticas públicas que os gestores fizeram em prol de amenizar o que Globalização catalisou para as pessoas de baixa renda e vulnerabilidade social foi, também, mais um porquê de pesquisar sobre a globalização e seus efeitos na sociedade.

Observando os dados disponíveis do IBGE (2018) sobre o desemprego, no ano de 2010, a taxa de desemprego estava baixa, com apenas 7%. Muito disso se deve a uma série de possíveis fatores: programas de transferência de renda como bolsa família tiraram parte da população da linha da pobreza, gerando maior circulação de mercadorias e consequentemente aumento nos postos de trabalho; outra possível explicação são as grandes Parcerias Públicas Privadas (PPP) em obras públicas com grandes empresas, o



que fomentou o mercado da construção civil, gerando uma reação em cadeia positiva ou mesmo o fato de ainda usarmos como indicador principal de desemprego o que era calculado pela Pesquisa Mensal de Emprego, que naquele contexto, era apenas realizada nos grandes centros metropolitanos. Fato é que em Arapiraca durante 2010, o PIB era R\$ 1.882.445.000, segundo a Secretaria de Estado do Planejamento e do Desenvolvimento Econômico (Seplande) em parceria com o IBGE, sendo considerado o PIB mais alto da região Agrestina do estado alagoano, e sabemos que quanto maior o PIB que é poder de controle sobre sua região e as cidades que a circundam. Isso é comprovado pelo aumento do setor imobiliário na região como demonstra a Figura 2.



Figura 2 - Jornal local demonstrando o crescimento do setor imobiliário na cidade de Arapiraca-AL.

Fonte: O jornal – Outubro de 2010.

A renda atrelada a programas sociais como Minha Casa Minha Vida possibilitou mais de 14 mil moradias para os trabalhadores. Apesar de entendemos que o Brasil caminhava na contramão da Globalização, ainda sim sabemos que é um sistema que apesar de contribuir para o avanço tecnológico e encurtamento das distâncias, proporciona por outro lado problemáticas muito graves para o desenvolvimento humano das classes menos abastadas, essas nas quais precisam desse fenômeno como um aliado, ajudando e dando o suporte necessário, mas infelizmente temos um sistema no qual prioriza uma classe em detrimento das “menos interessantes economicamente falando”.

Por ser um sistema econômico mundial, obviamente os líderes desse processo são as grandes potências mundiais. Por serem os líderes e terem suas empresas espalhadas em todo o globo os demais países ficam submissos e dependentes do país e dos empregos que aquele proporcionou a sua nação. Se a potência vai bem, o subdesenvolvido dependente daquele também caminhará bem, haja vista a quantidade de investimentos. Se aquelas potências vão mal, os países dependentes possivelmente terão problemas, é como um “efeito dominó”, se aquela peça principal cai todas as demais também seguem o mesmo caminho. O desemprego é um reflexo desse lado maléfico da Globalização, visto que se o país vai mal, as empresas começam a sentir, com isso buscarão alternativas para a solução: na maioria dos casos é a redução do quadro de funcionários, tirando a fonte de renda de milhares de pessoas.

Vide os últimos casos de corrupção que foram surgindo ao final do governo Dilma, onde grandes empresas da área de construção civil envolvidas em casos de pagamento de propina e superfaturamento de obras, que não atuavam apenas no Brasil, mas em outros países da América Latina, como o caso da Odebrecht, empresa essa que pagou, segundo a Polícia Federal, pouco mais de R\$ 113 milhões de propinas para conseguir diversos contratos com a Petrobrás, o qual se repetiu com outras companhias, além das filiais envolvidas nesse tipo de esquema na Angola, Colômbia, Argentina, entre outros governos. É importante, ressaltar que tais casos de corrupção começaram a ser desvendados a partir de 2012 (esses citados ocorreram em 2012, 2014, 2016 respectivamente). Foi exatamente em 2012 que em tese foi o primeiro ano de constante queda de empregos. Segundo o IBGE (2018) em 2013 o desemprego subiu para 7,2%, no ano de 2014 a taxa baixou um pouco para 6,7%, após esses anos moderados o desemprego cresceu em 2015 para 8,3%, em



2016 subindo para 11.2%, aumentando ainda em 2017 para 12.7% e estando em 2018, até então com 12.3% de pessoas que perderam seus empregos e não conseguiu outro.

Diante desses números assustadores do cenário nacional, percebemos que Arapiraca sofreu tais influências, que mesmo em virtude de uma grande empresa de Call Center se instalando na cidade e possibilitando para Arapiraca ganhar o título de 4º cidade que mais gerou empregos em 2015, Arapiraca mergulhou na crise, que segundo o IBGE (2016, online)<sup>1</sup> é uma cidade na qual apenas 17% das pessoas tem carteira de trabalho assinada. Ou seja, de uma população total de 230.417 pessoas, desprezando os idosos de 65 anos acima, e as crianças de até 15 anos (esses dois que não são impossibilitados de trabalho), temos um total de 158.323 pessoas em Arapiraca que possui condição para trabalhar. Desse montante apenas 26.914 pessoas trabalham (17%). Quando fazemos a subtração entendemos que os 83% das pessoas correspondem a 131.408 pessoas que estão trabalhando de forma informal ou estão desempregadas. Enquanto as manchetes da cidade dizem que a população tem “espírito empreendedor” percebemos que esse espírito na verdade é por falta de oportunidades de se manter em uma sociedade sem alguma fonte de renda.

Dado isso, Milton Santos (2001) ressalta que “o desemprego crescente torna-se crônico [...] a pobreza aumenta e as classes médias perdem em qualidade de vida. O salário médio tende a baixar [...] a fome e o desabrigo se generalizam em todos os continentes” (MILTON SANTOS 2001, p.10). Logo, o mundo todo perde, aumentando as taxas de desempregos e de dívidas para com as contas públicas. Podemos perceber então os inúmeros os malefícios desse sistema quando recorremos a Canclini (2007):

As investigações sobre cidades globais vêm revelando, junto com os sistemas de integração (forte papel das empresas transnacionais, misturas culturais, crescente número de turistas), a exclusão de zonas tradicionais e pobres, o aumento da marginalização, do desemprego e da insegurança. Coexistem oportunidades de incorporação global e movimentos de degradação. As fraturas entre integrados e excluídos, conectados mundialmente e localizados à força não são exclusivas dos países subdesenvolvidos; encontram-se e agravam-se também nas urbes europeias e estadunidenses. (Canclini, 2007 p. 252).

Isso pode ser corroborado quando comparamos os efeitos causados pelo crescente poder das construtoras no Brasil durante os governos passados. À medida que as empresas foram ganhando espaço, a partir de fornecimento financeiro em campanha, foi possível realizar a chamada “troca de favores” permitindo certo “controle” das grandes empresas sobre o capital do estado. Além disso, a simples investigação de desemprego em grandes capitais talvez tenha mascarado a real realidade do interior do Brasil, uma vez que a PME demonstrava desemprego de 6.8% enquanto a PNAD apresentou os índices de desemprego com 1.5% a mais, no período de janeiro a dezembro de 2015, esse número maior se explica sendo uma possível realidade que é o desemprego em massa no interior brasileiro, que não era calculado pela antiga metodologia.

Assim, para diminuir o custo de produção as grandes empresas tendem a diminuir no que pesa mais no orçamento: o salário. Desta forma, acabam praticando salários baixos por onde se instalam. Com o gradativo aumento da concorrência internacional gerado pela Globalização, se faz necessário o corte de gastos a fim de diminuir os preços. Sérgio Buarque (1998) ressalta que:

Em resumo, as evidências que existem até agora sobre a “economia global” são amplamente desfavoráveis à posição relativa dos países em desenvolvimento. Na área comercial, embora haja argumentos muito mais fortes em favor de alguma proteção para o caso das economias em desenvolvimento (mesmo que isso não seja aceito pela teoria tradicional), o que se vê, na prática, é um aumento das

<sup>1</sup>Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/al/arapiraca/panorama>>. Acesso em: 14/12/18.

pressões liberalizantes sobre essas nações em contraste com a manutenção de uma posição protecionista por parte dos países desenvolvidos em setores para os quais não lhes convém uma abertura. (BUARQUE, 1998, p. 40)

Com isso há uma transferência de empregos dos países mais ricos para os mais pobres, haja vista que a mão de obra nessas regiões é mais barata e com uma legislação trabalhista desfavorecedora. Isso gera desemprego nos países desenvolvidos e subempregos em países desenvolvidos.

Nos anos de 2016, 2017 e 2018 houve leve aumento na taxa de desemprego apontada pelo IBGE (2018), contudo, com ressalvas, uma vez que foi demonstrado um aumento considerável no emprego informal, aquele no qual as condições mínimas de trabalho saudável não são atendidas. Segundo o próprio IBGE (2018), 40% da força de trabalho se dá de forma informal, onde atualmente são 37,3 milhões de pessoas. O emprego informal por si só é um sinal da crise, pois, diminui a produtividade e não paga imposto, trabalhando em condições precárias em virtude de não se inserir no mercado de trabalho formal.

Com toda essa influência, notasse que os países com grandes centros econômicos são o reflexo da economia mundial, uma crise em um sistema tão influente, como o dos EUA, por exemplo, pode causar diversos impactos nos demais países em desenvolvimento, como no Brasil.

Um país desenvolvido é um país globalizado que consequentemente ganha muito dinheiro e se desenvolve cada vez mais, com isso tende a acumular receita e emprestar para os demais países em desenvolvimento. Por conta disso, dominam as instituições políticas e econômicas mundiais, como por exemplo, o FMI e o Banco Mundial (Bird). A economia hoje é movida por instituições internacionais e blocos econômicos, o FMI e Banco Mundial fazem parte dessa lista. Segundo Vicente (2009) essas instituições:

O papel das instituições multilaterais assim se resume: a Organização Mundial do Comércio, que regula e fiscaliza o comércio internacional; o Banco Mundial, que ajuda com empréstimos os países em desenvolvimento a crescer com estabilidade e sustentabilidade e a reduzir a pobreza; e o Fundo Monetário Internacional (FMI), que surgiu com o intuito de exercer pressão sobre os países que não contribuem para o equilíbrio da economia mundial e fornecer liquidez na forma de empréstimos para que isso ocorra, quando necessário. (VICENTE, 2009, p. 20)

Quando um país ou um conjunto de países com grande influência econômica entram em crise, é na verdade um colapso mundial, pois reduzirá os investimentos nos outros países. Para Held & McGrew (2001):

A reconstrução de um projeto social democrático exige a busca coordenada de programas nacionais, regionais e globais que regulem as forças da globalização econômica – a garantia, em outras palavras, de que os mercados globais comecem a servir às populações do mundo, e não o inverso. Estender a democracia social para além das fronteiras também depende de fortalecer os laços de solidariedade entre as forças sociais, nas diferentes regiões do mundo, que procuram contestar ou resistir aos termos da globalização econômica contemporânea. (Held & McGrew, 2001, p.73-4)

Nesse caso, países subdesenvolvidos e dependentes desses órgãos mundiais para realizarem investimentos públicos, perderão grande parte de seus ativos, acumularão dívidas públicas e aumentarão o desemprego e consequentemente a taxa da inflação, ocasionando, também, uma crise. Podemos entender que a relação existente entre globalização e crises mundiais, passa pelo entendimento que com a globalização houve maior conexão nas relações comerciais, causando um impacto parecido com uma fileira de “dominó”, na qual um movimento pode afetar o resto da “fileira”.

E é exatamente nesse contexto que se enquadra o Brasil atual. Com o neodesenvolvimentismo do governo Lula e Dilma, os investimentos públicos em determinados setores continuaram causando certo controle do desemprego. O problema é que a crise se aprofundou e durou mais tempo que o esperado. Logo o país passou a não ter mais controle sobre sua dívida interna, causando baixa nas notas de investimento e consequentemente havendo fuga de capital. Muitas empresas perderam dinheiro e consequentemente muitas pessoas perderam seus empregos. Observe que segundo o IBGE (2018) no período de 2012 a 2018 o desemprego no Brasil aumentou exponencialmente de 5,5% em 2012 para 12,3% até a última análise (calculada no trimestre agosto-setembro-outubro) de 2018. De acordo com os números, o desemprego nesse período de 2012 a 2018 cresceu 123%. No tocante a Arapiraca o município em 2012, onde era influenciado por uma boa gestão, conseguiu desenvolver bem, não demitindo funcionários, e contratando de forma desacelerada. Prova disso é que chegou a atrair a presidente vigente para a metrópole do futuro das Alagoas.

A visita se deu virtude de catalisar esse desenvolvimento, dando uma atenção especial à zona rural, proporcionando melhorias para as pessoas residentes desse meio, buscando evitar um êxodo rural em um momento de aceleração da econômica arapiraquense, essa, que andava naquele momento, na contramão de uma possível crise econômica ocorrida nos anos seguintes.

#### 4 CONCLUSÃO

Nos primeiros meses foi sentido que a hipótese inicial, talvez não seria válida, porém, ao longo do trabalho tivemos a certeza que o problema realmente ocorreu, e em proporções ampliadas, muito além do que previa, gerando problemáticas muito severas nas quais antes foi despercebido, fazendo lembrar de uma frase citada pelo renomado cientista Isaac Newton que diz que o que sabemos é uma gota, mas o que ignoramos é um oceano.

No início da pesquisa os dados indicavam que a globalização para Arapiraca contribuiu para caminhar na “contramão da crise”, porém sabemos que a globalização é uma grande vila catalisadora da crise no Brasil e isso instigado a investigação.

Após análise de jornais regionais e nacionais, além das taxas de desemprego em Arapiraca e Brasil em um período simultâneo, tornou-se tudo evidente e entendemos que a globalização contribuiu para a crise assim como imaginávamos. Defendo que tal fenômeno influenciou na crise pelo fato de que a globalização possibilita o desemprego, principalmente dos mais pobres, esses que devido ao avanço da técnica, perde espaço para os meios tecnológicos nos quais são mais viáveis para o empregador. Além disso, em uma crise, a primeira alternativa empresarial é reduzir o quadro de funcionários, com isso os menos relevantes para o funcionamento da organização acabam por receber demissão, esfriando a economia e desfavorecendo o mercado tanto industrial quanto comercial. Com isso aumenta o número de desempregados e instabilidade econômica, possibilitando o aumento do trabalho informal, além do aumento da criminalidade. A globalização é um fenômeno que enquanto aproxima e facilita os processos, diminui a mão de obra menos qualificada, esses que fazem parte da maioria absoluta das pessoas inseridas no mercado de trabalho, como é o caso do Brasil e também de Arapiraca onde temos um alto número de desempregados em virtude da falta de oportunidades, essas que estão escassas em devido à globalização e a fatores específicos, como por exemplo, gestores públicos irresponsáveis e corruptos.

É nítido, diante dos números, que a situação econômica brasileira está longe de terminar. O Brasil está vive uma crise econômica, há fatores que contribuíram para o atual momento, como políticas fiscais irresponsáveis, corrupção, crise política, além de influência externa como a crise imobiliária dos EUA que resultou na queda da bolsa de valores de diversos produtos. Todos esses fatores contribuem para o aumento do desemprego no

maior país da América do Sul. Atualmente temos quase 14 milhões de desempregados, e os números são cada vez mais preocupantes, e realizar esse estudo, contribui em prol de demonstrar o poder de influência da Globalização para todos os países do planeta.

## REFERENCIAS

ALBERTO, L; LUCIA, E. **A seletividade espacial das multinacionais brasileiras nos governos de Fernando Henrique Cardoso e Luiz Inácio Lula da Silva.** Espaço & Economia. 2017. 19 p.

BENKO, George. **Economia, Espaço e Globalização na Aurora do Século XXI.** São Paulo, Editora Hucitec, 1996.

BUARQUE, S. **Livre Comércio versus Protecionismo: uma antiga controvérsia e suas novas feições.** Est. Econ, São Paulo: v. 28, n.1, p. 33-75, Jan/Mar, 1998.

CANCLINI, N. G. **Diferentes, desiguais e desconectados: mapas da interculturalidade.** Tradução Luiz Sérgio Henriques. 2a ed. Rio de Janeiro, Brasil: Editora UFR, 2007.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede - A era da informação: economia, sociedade e cultura.** Tradução Roneide Venancio Majer. 6a ed. São Paulo, Brasil: Paz e Terra, 2010.

FRANCISCO, H. **Globalização, cultura e território: o Brasil no novo milênio.** Espaço & Economia. 2017. 13 p.

HELD, D.; MCGREW, A. **Prós e contras da globalização.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

LUIZ, J. **A emergência da América do Sul na agenda da política externa brasileira nos governos Lula da Silva (2003-2010).** Espaço & Economia. 2017. 26 p.

OLIVEIRA, Floriano José Godinho. **Estado e planejamento urbano: tendências conservadoras entre o planejamento estratégico e a reforma urbana.** In: 12º Encontro de Geógrafos de América Latina, 2009, Montevideo. Caminando en una América Latina en transformación. Montevideo: Imprenta Gega, 2009. v. I.

RICARDO, J. **As crises econômicas mundiais.** Brasília: v 01, p. 1-20, mar. 2000.

SANTOS, M. **Por uma outra globalização.** 6 ed. Rio de Janeiro: 2001. 83 p.

SANTOS, M; SOUZA, M. A. A; SILVEIRA, M. L. **Território - Globalização e Fragmentação.** 4º ed. São Paulo: HUCITEC, 1998. 332 p.

STIGLITZ, J. **A globalização e seus malefícios: a promessa não-cumprida de benefícios globais.** Ed. Futura, São Paulo: 2002. 327 p.

VELLOSO, L. **Novos elementos teóricos sobre o Estado Brasileiro na última década: Análise do governo Lula-Dilma.** Espaço & Economia. 2017. 17 p.